

# GÊNERO E GERAÇÃO: VIVÊNCIAS DA VELHICE FEMININA<sup>1</sup>

**Daiany Cris Silva**

**UEM/SEED-PR**

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Relatos de Experiência, Geração e Gênero.

## **1.Introdução**

A presente comunicação busca refletir sobre o envelhecimento de mulheres que mantiveram uma vida pública ativa durante suas trajetórias, liderando, participando ou atuando profissionalmente em espaços diversos de âmbito político e social. Por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas por questões que objetivavam resgatar trajetórias e compreender as percepções que mulheres idosas com vida pública ativa possuem sobre si e o mundo, entrevistei seis interlocutoras de diferentes regiões do país, que possuem filiações com diferentes grupos sociais e políticos, o associativismo empresarial, instituições religiosas, o agronegócio, militância no movimento negro e LGBTTI, partidarismo e sindicalismo. Cada uma das interlocutoras colaboraram para a articulação de dois conceitos cruciais para esta discussão: gênero e geração.

Entende-se como geração, diversos grupos de pessoas, com vivências plurais, que estão conectadas por uma posição e atuação comum no tempo histórico do processo social, assim como afirma o pioneiro dos estudos geracionais Karl Mannheim. No que se refere ao conceito de gênero, utilizo a concepção da teórica feminista Joan Scott (1990), que apresenta a categoria gênero como um referencial de análise que possibilita localizar essa condição social como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas na sexualização, o que nos permite significar as relações de poder vividas cotidianamente.

Buscamos aqui demonstrar como essas duas categorias podem ser articuladas de modo a apresentar em que medida as trajetórias de vida de pessoas de uma mesma geração, mas de diferentes condições sociais, constroem aproximações e distanciamentos em suas trajetórias de vida, percepções de mundo e posicionamentos políticos. O objetivo deste trabalho é discutir como a constituição geracional e de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

gênero podem nos ajudar a pensar os trânsitos cotidianos de trajetórias de vida, principalmente no que se refere a vivência do envelhecimento feminino.

Com base nos relatos de experiência das interlocutoras, mostrarei como o estudo possibilitou verificar a importância atribuída pelas interlocutoras aos problemas de gênero e como se percebem em uma fase que é considerada como a última do ciclo de vida, a velhice, foi possível dimensionar, ainda, que envelhecer só se torna uma questão pois, a elas é imposto uma maneira de ser e agir típica dos envelhecidos, em que a passividade e a imobilidade se tornam atitudes esperadas para a vida em sociedade, pelo menos é o que consensualmente se espera. No entanto, por mais que o corpo envelhecido apresente desafios, a vivacidade de suas mentes e os anseios políticos e sociais, tão presentes durante todo o curso de suas vidas, não permitem que seja esse o comportamento aderido por elas.

## **2. O uso do conceito de geração em estudos sobre o envelhecimento feminino.**

Há, como destaca Wivian Weller (2010), uma atualidade no uso do conceito de geração como ferramenta analítica que proporciona um olhar sociológico que situa pesquisadores, agentes de pesquisa e objeto em suas localizações históricas, sociais e culturais. Ao definir a participação na vida pública de mulheres idosas como meu tema central de pesquisa, busquei um embricamento das duas categorias que, sob a minha perspectiva, melhor representam o movimento dinâmico de uma sociedade, suas mudanças e transições, essas categorias são: geração e gênero.

A compreensão dos movimentos geracionais serve para dimensionar como a experiência social de mulheres é atravessada por múltiplas estruturas, que são constituídas, também, pelos trânsitos das gerações, sobretudo, apresenta-se, a partir dessa compreensão, as alternativas que mulheres de toda uma geração desenvolvem para lidar com esses atravessamentos.

Vale destacar que o uso do conceito de geração para o estudo da periodização da vida é uma tentativa de apresentar soluções de análise que nos livrem das armadilhas comuns aos estudos geracionais, que esbarram em categorizações universais baseadas em pressupostos biológicos, apresentam a velhice ou a juventude como problemas sociais a serem resolvidos sob tutela, como geralmente se coloca a prática de políticas públicas para essas faixas etárias, ou se baseiam em um discurso científico

especializado, viciado em temas institucionalizados como temas de velhos e temas de jovens (DEBERT, Guita, 1998).

## **2.1 O conceito de geração**

Para melhor compreender esse argumento de Mannheim, será preciso retomar ao seu conceito de geração, que se trata de uma perspectiva que considera a constituição de grupos geracionais como um elemento estrutural na sociedade, que alcança a esfera social, cultural, política e influência nos padrões comportamentais das populações de diferentes faixas etárias.

Nesse sentido, para que a sociedade se apresente tal como a conhecemos hoje foram necessários movimentos sociais e intelectuais que transformaram e desenvolveram nossa história social. Segundo Mannheim (1982) isso só é possível na medida em que se renovam os participantes dos processos sociais e a nossa herança cultural é transmitida, reinventada e ressignificada. Permanecem, portanto, os elementos culturais que ainda são úteis para o desenvolvimento social e descartam-se os elementos desfavoráveis, nesse sentido, a necessidade de transformação social é iminente em qualquer sociedade e ela se dá de acordo com o fluxo de mudanças na constituição geracional.

Nesse sentido, é importante atentar-se as particularidades das diferentes unidades geracionais presentes em um mesmo tempo histórico. Mannheim (1982), conceitua geração o grupo de pessoas que compartilham um tempo histórico definido por características sociais, políticas e culturais específicas, o problema sociológico das gerações para este autor, se constitui por três ramificações: posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. Essas três categorias nos permitem conhecer como diversos condicionantes, como diferenças regionais, de classe, gênero e etnia, tornam complexas a formação geracional e a dinamizam, ou seja, agrega-se ao tempo histórico, fatores sociais

Sinteticamente, a posição geracional é o que configura, em termos gerais, o pertencimento de um grupo de pessoas a uma geração, pois, a posição geracional trata-se do compartilhamento de um destino comum marcado pelo tempo histórico e as condições culturais, esses dois elementos demarcam a formação de um grupo geracional. A conexão geracional, por sua vez, determina que para haver uma coesão

social de um grupo geracional, é preciso estabelecer concretamente um vínculo entre as pessoas que compartilham a mesma geração e as possibilita uma experiência comum. E por fim, o que caracteriza o elemento mais dinamizador desse conceito, a unidade geracional, considera que um grupo geracional pode conectar-se por determinadas tendências comportamentais, que se configuram de acordo com as forças sociais em que estão imersos.

Essa concepção de geração considera a possibilidade de haver diversas perspectivas dentro do grupo geracional, formando unidades de geração, compostas por pessoas que compartilham experiências e estilos de vida peculiares, caracterizados pela etnia, raça, classe ou gênero, deste modo, é possível que se crie uma unidade geracional que coexista a outras unidades de gerações com perspectivas específicas.

Nesse sentido, a conexão geracional estabelece uma forma de agir específica para as pessoas de uma dada situação social, todavia, a condição de gênero, a classe a que pertence, a cor que possui, o lugar onde vivem, determinam de maneira distinta sua vivência, o que configura diferentes unidades geracionais, unificando grupos de pessoas com experiências peculiares.

Sob esta perspectiva, é possível reconhecer a existência de diversas concepções sobre um grupo geracional, infância, juventude, velhice.

Seria possível, portanto, perceber um elemento conflitivo entre os interesses dos diferentes grupos geracionais, e esse elemento é o que possibilita uma circularidade nos processos sociais, pois, se consideramos o fluxo contínuo de transição das gerações e sua força inovadora, devemos ter em vista esse movimento conflitivo entre as gerações. Desta forma, uma geração jovem não recebe passivamente sua herança social, há contestações nesse processo. No que se refere a esse fato do fluxo geracional, Mannheim destaca cinco fenômenos básicos relacionados a investigação sociológica:

- a) novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo;
- c) os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, e d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada; e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo. (MANNHEIM, 1982, P.74)

Ou seja, o contínuo processo de transição geracional, seus movimentos de organização foram pautados na dinâmica de surgimento de novas demandas da população e desaparecimentos de velhos agentes sociais.

## **2.2 O conceito de gênero nos estudos geracionais.**

O trabalho da antropóloga Guita Debert (1998;1999) sobre o envelhecimento contribui para compreender como a significação da periodização da vida é um discurso em disputa. Ao afirmar que há uma reinvenção da velhice a antropóloga possibilita o dimensionamento do envelhecimento como um objeto de pesquisa da antropologia, situado social e culturalmente e não apenas como um demarcador cronológico. A velhice vista não como uma abstração porque as pessoas não são abstratas, o envelhecimento é uma realidade vivenciada por pessoas com suas histórias de vida singulares (GONÇALVES, 2002, p. 182).

Diante dessa perspectiva, os pressupostos sobre os diferentes grupos geracionais, principalmente o de pessoas de mais idade, não devem ser baseados em conceitos abstratos, pois, eles não colaboram para a construção de um conhecimento científico que considera a ação humana em suas peculiaridades do movimento geracional. Dessa maneira, tratar o problema sociológico das gerações da maneira proposta por Mannheim (1982) proporciona uma maior aproximação do conhecimento científico com a realidade, o que conduz ao cumprimento da proposta de Simmel: não negar que nossa produção acadêmica também é produto das estruturas sociais (SIMMEL, 2006).

Tendo em vista esse olhar sociológico, é possível pensar as questões do envelhecimento feminino em uma dimensão da análise mannheimiana das gerações que, tal como aponta Wivian Weller (2010), busca não apenas contribuir como uma metodologia de análise social, mas superar as dicotomias das análises existentes:

Mannheim nos convida a repensar a construção de instrumentos analíticos capazes de mapear e dar forma à singularidade de experiências concretas, que carecem de uma análise teórica. Em outras palavras, sua perspectiva não representa apenas uma contribuição teórica para os estudos sobre gerações, mas também uma proposta teórico-metodológica de pesquisa, capaz de superar as dimensões binárias presentes em algumas correntes teórico-metodológicas. (WELLER, Wivian, 2010, p.220)

Segundo o argumento da socióloga a contribuição metodológica do conceito geração de Mannheim (1982) coloca-se como um desafio de encontrar quem são as pessoas que expressam as experiências sociais concretamente, representando a multiplicidade de singularidades que habitam a vida em sociedade.

Considerando que as mulheres vivenciam boa parte dessas multiplicidades, demarcada pela situação de gênero, que é produto de processos políticos determinados por vários atores e várias significações que estão em constante conflito para delimitar as instâncias de poder (SCOOT, Joan, 1990), é possível visualizar nos relatos de vida delas, os trânsitos desses diferentes atores e significações, que agregam as suas trajetórias uma multiplicidade de fatores que possibilitam um melhor manuseio dessa concepção teórica.

Não posso afirmar que é apenas ao estudar questões relacionadas a condição de gênero das mulheres, que vivenciam estruturas geracionais determinadas, que o uso do conceito de geração é fortuito, mas, apresento aqui uma proposta de articulação dessas duas categorias por acreditar que elas possibilitam um melhor dimensionamento metodológico para o estudo geracional, pelo menos no caso deste objeto de estudo.

Pois, como já apontamos no texto introdutório, este é um estudo antropológico que contribui para o debate sobre a velhice como um objeto de investigação, tal como proposto por Guíta Debert (1999), o que significa que ao buscar dimensionar como as mulheres lidam com o envelhecer e a atuação na vida social e política pretendo conhecer os caminhos percorridos por elas para se manterem ativas durante o processo do envelhecimento e esse movimento da questão de pesquisa se constitui como desenho metodológico do uso do conceito de geração.

Tendo em vista, portanto, que além do recorte geracional há aqui a presença do recorte de gênero devo demonstrar em que medida a concepção de gênero pode ser articulada ao conceito de geração apresentado.

A teoria feminista não só avançou no debate sobre os direitos políticos e sociais das mulheres como contribuiu para o entendimento das questões de identidade que influenciaram significativamente no modo com que as gerações da atualidade vivem suas trajetórias (HALL, 2006).

A teoria e prática feminista, ao questionar sobre a naturalidade do feminino,

abriu margem para discussões mais profundas sobre o significado de “ser mulher”, significado esse que pode ser múltiplo.

Assim como afirma Joan Scoot (1990):

[...] as categorias “‘homem’ e ‘mulher’ são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas”. Isso significa que não há um único sentido para a condição de gênero de uma mulher, seus significados se transformam e não podem ser fixados em concepções universais. (SCOOT, Joan, 1990, p.93)

Diante disso, questiono, se quando tratamos sobre “mulheres” estamos realmente lidando com todas as questões que afetam as pessoas desse gênero, pois a experiência feminina é constituída por determinações sociais e históricas que não podem definir uma identidade única para as mulheres, olhar sob essa perspectiva nos permite “entender diferentes femininos” (EVARISTO, Conceição, 2005, p. 06).

Algumas correntes do movimento feminista, representadas aqui pelo feminismo negro interseccional<sup>2</sup>, atentas a essas conexões plurais na vida social, têm buscado reconhecer que o nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder, assim como afirma a teórica Avtar Brah (2006), que considera ainda que a nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos (BRAH, Avtar, 2006, p. 341).

Compreende-se, portanto, que dentro dessas estruturas de poder, não existimos apenas como mulheres e nossas relações sociais são permeadas pela intersecção de categorias diferenciadas, nominadas tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes” (BRAH, Avtar, 2006, p. 341). Desse modo, há a vivência de experiências em diferentes segmentos na sociedade, que são resultados de transformações sociais e culturais percebidas de acordo com os movimentos geracionais que as solidificam.

Nessa perspectiva, a categoria gênero torna-se uma ferramenta de descentramento de identidades universais, que ao tratar do transbordar ou esvaziar de

2 Movimento protagonizado por mulheres negras que buscaram pensar o feminismo de maneira distante dos universalismos considerando que há um embricamento dos processos de exclusão e desigualdades. (WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn, 2019)

seu significado, contestando a universalidade da “humanidade”, apresentando as experiências privadas da vida familiar, sexual e doméstica como questões políticas, demonstra como uma situação social é fluída e maleável, de acordo com as necessidades de uma sociedade e das interferências dos seus agentes (HALL, 2006).

Ligada estreitamente a problemática das mudanças sociais e ao modo como as diferenças geracionais são experimentadas na vida em sociedade, a questão das gerações, proporciona visualizar as experiências de envelhecimento que estão conectadas às referências de classe, de gênero e de cor (BARROS, Myriam M. L. B., 2006, p.120). E quando se diferencia essas experiências segundo suas perspectivas de gênero percebe-se que suas peculiaridades constroem cotidianamente estruturas significativas para a vivência social, tornando o conceito gênero um referencial de análise que possibilita a compreensão do sistema de poder que estabelece desigualdades baseadas na sexualização.

Ao mobilizar o conceito de geração, pode-se visualizar a condição de gênero como uma situação social que proporciona uma perspectiva específica dentro de sua geração, no entanto, se não utilizamos uma conceituação de gênero que considere a diversidade de significados sobre o “ser mulher”, por exemplo, a concepção de unidades geracionais se distancia do conceito de geração proposto por Mannheim (1982).

No decorrer deste capítulo, tratei como o problema sociológico das gerações expressa-se em um tempo histórico que se apreende qualitativamente, de modo a primar pela análise de experiência. Assim, a diversidade de perspectivas e a atenção sobre as informações prestadas por parte das pessoas que constituem o objeto de pesquisa, proporcionam um dimensionamento atento a vida em sociedade que se constrói cotidianamente. E a questão geracional por se apresentar como um movimento que representa as transformações vivenciadas em sociedade é um conceito que propicia essa perspectiva sociológica, principalmente se for articulada a uma concepção de gênero que interpreta as estruturas societárias de forma plural e interseccionada.

O processo de escolha das interlocutoras e o desenvolvimento da metodologia são os principais momentos de mobilização dessa perspectiva, além do tratamento analítico. Diante do posicionamento teórico apresentado, busquei mapear mulheres de uma mesma posição geracional, que possuem 60 anos ou mais, e que são conectadas por

sua condição de mulher, mais precisamente, a mulher que possui uma trajetória de vida pública ativa com atuação profissional e política.

A posição geracional é a de pessoas nascidas entre as décadas de 1940 e 1960, pois, viveram as transformações no mercado de trabalho, seja com a integração de mulheres na formalidade e sua profissionalização ou, que ainda, vivenciaram em suas trajetórias as mudanças nos regimes sociodemográficos de nupcialidade, natalidade, mortalidade e aumento da expectativa de vida. Esses fenômenos começaram a se intensificar na década de 1970 (OLIVEIRA, Maria C.; VIEIRA, Joice M.; MARCONDES, Glaucia S., 2015) período em que as interlocutoras viveram sua juventude ou início da vida adulta, o que influenciou no modo como conduziram suas vidas em sociedade.

Conectadas pela vivência feminina, constituindo uma grande unidade geracional pautada na perspectiva do gênero que se identificam, as seis mulheres que aceitaram o convite de participar deste estudo apresentam uma diversidade de vivências que representa diferentes situações sociais. Além da condição de gênero, outros fatores podem ser unificadores geracionais: a escolaridade, profissionalização e posição social como lideranças.

Suas trajetórias demonstraram que para haver a manutenção de uma vida pública alguns padrões no estilo de vida foram necessários para a maioria delas, além de carreiras profissionais consolidadas, todas as entrevistadas possuem curso superior completo e uma vida financeira estável, de classe média.<sup>3</sup> Além de manter um estilo de vida familiar característico, por possuírem poucos filhos, apenas duas entrevistadas possuem filhos, sendo o máximo três, e quatro dentre seis não possuem descendentes.

Para visualizar com mais clareza quem são nossas interlocutoras apresento a seguir um perfil geral das mulheres entrevistadas, é importante destacar que todos os nomes utilizados são fictícios, o intuito é preservar certo conforto de escrita ao realizar as análises diante do anonimato das participantes<sup>4</sup>. Lídia, possui 68 anos, é advogada, empresária e engajada no associativismo de mulheres do ramo empresarial. Raquel, tem

<sup>3</sup> Dados sobre o perfil geral das entrevistadas como data de nascimento, grau de escolaridade e renda per capita, foram coletados por meio do preenchimento de uma ficha de dados gerais, modelo em anexo 06.

<sup>4</sup> As participantes assinaram um termo que consentimento livre e esclarecido em que consta essa informação, o modelo está em anexo 7.

76 anos, é religiosa, atuante em organizações do catolicismo, e enfermeira dedicada a políticas de saúde da infância e da família. Fátima, com seus 74 anos de idade, diz ser pedagoga de formação e agricultora por acidente, atualmente possui uma das propriedades rurais mais produtivas do país. Elena, 68 anos, a historiadora especialista em gênero e raça, foi pesquisadora do IBGE durante 30 anos e na atualidade é ativista em uma Rede de Mulheres Negras e no Movimento LGBTTI<sup>5</sup>. Leonor, 63 anos, advogada e sindicalista, na juventude foi militante no combate a ditadura militar e atualmente é membro de organização partidária. E Fernanda, a mais jovem do grupo, com 53 anos, é educadora e ativista no movimento de mulheres transsexuais.

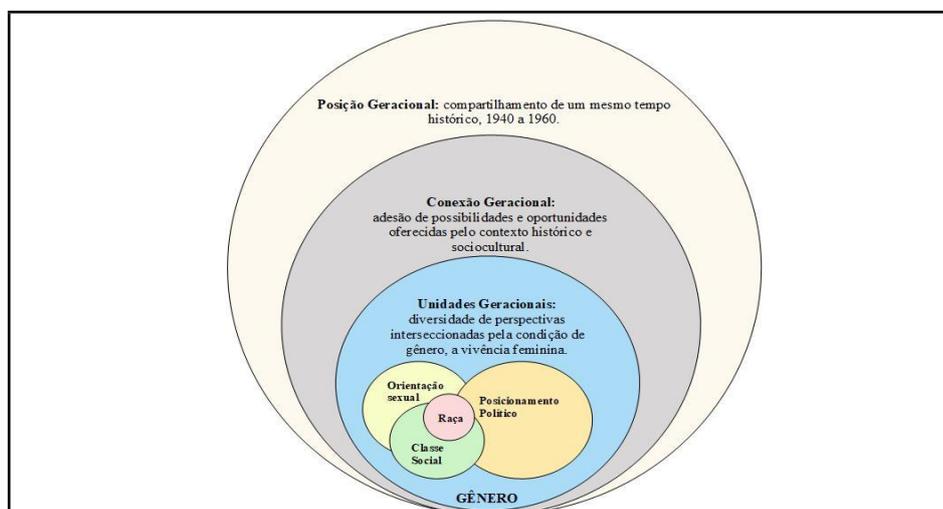
Cada uma dessas interlocutoras possibilitam o dimensionamento de diferentes perspectivas, representadas em diversas unidades geracionais: da mulher da classe média alta inserida no meio empresarial, da mulher religiosa dedicada ao engajamento social, da mulher de classe alta ruralista, da mulher negra ativista política, da mulher socialista e engajada no combate as desigualdades e a mulher que se construiu nessa condição socialmente e se movimenta pela sua legitimidade e garantia de seus direitos.

Diante desse perfil de interlocutoras, o conceito de geração possibilitou delimitar as peculiaridades vivenciadas na posição geracional que essas mulheres se localizam, no entanto, apenas a articulação com a conceituação de gênero, da maneira apresentada neste capítulo, considerando interseccionalidades, é que permite que essas peculiaridades sejam analisadas de modo a contemplar as experiências concretas que essas mulheres vivenciam em suas diferentes unidades geracionais.

Apresento a seguir um esquema que demonstra como as interlocutoras deste estudo estão localizadas geracionalmente de acordo com o conceito de geração de Mannheim (1982).

### **Esquema 1: Relação entre a posição, conexão e unidade geracional das interlocutoras.**

5 Acredito ser importante demarcar os motivos pelos quais decido utilizar essa nomenclatura para tratar da população LGBTTI, a sigla se refere a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexo, de acordo com a denominação indicada pela ABGLT (Associação Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais) instituição que uma das agentes dessa pesquisa é representante. Sobre o tema, consultar site oficial da instituição: <https://www.abglt.org/> .



De acordo com o esquema é possível perceber que a posição geracional proporciona a potencialidade de comportamentos e ações compartilhadas, que só se mostra efetiva se as outras características estruturais que constituem a formação de uma geração estejam presentes na vida cotidiana. Dessa maneira, só há uma conexão geracional na medida em que há adesão as potencialidades proporcionadas pela posição geracional, e as unidades geracionais possuem a função de moldar os comportamentos e ações compartilhadas de acordo com cada situação social que individualmente as pessoas pertencem. Nesse sentido, o gênero funciona como uma grande unidade geracional que agrega uma perspectiva em comum de uma geração, mas que pode sofrer múltiplas subdivisões a depender de condicionantes como o posicionamento político, classe, raça ou orientação sexual.

O recorte deste estudo me possibilitou perceber como as características desse esquema estão presentes no perfis das entrevistadas quando os analisei.

A articulação dos conceitos de geração e gênero me possibilitou compreender,

por exemplo, em que medida a trajetória de vida de uma interlocutora possui conexões com as outras, por considerar que a vivência feminina é dotada de significados que se constroem na vivência social, bem como, traça quais são as aproximações na construção das trajetórias de destaque de pessoas com posicionamentos e visões tão distintas, como é o caso de Lídia e Fátima, duas interlocutoras que tendem a aderir posições mais liberais, com relação as outras quatro, Raquel, Elena, Leonor e Fernanda que se dedicam a pautas mais progressistas.

Para compreender como o compartilhamento de um tempo histórico, a posição geracional pode desencadear diferentes perspectivas sobre a vivência social e ao mesmo tempo traz aproximações entre as entrevistadas, apresento um quadro demarcando temporalmente as etapas de amadurecimento das interlocutoras.

| <b>Quadro 1: Demarcação temporal das etapas de amadurecimento das interlocutoras.</b> |              |                             |                                      |                                      |                                      |
|---|--------------|-----------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| <b>Nome</b>   | <b>Idade</b> | <b>Década de nascimento</b> | <b>Década em que atingiu 18 anos</b> | <b>Década em que atingiu 29 anos</b> | <b>Década em que atingiu 60 anos</b> |
| Lídia   | 69           | 1951                        | 1969                                 | 1980                                 | 2011                                 |
| Raquel  | 77           | 1943                        | 1961                                 | 1972                                 | 2003                                 |
| Fátima  | 75           | 1945                        | 1963                                 | 1974                                 | 2005                                 |
| Elena   | 69           | 1951                        | 1969                                 | 1980                                 | 2011                                 |
| Leonor  | 64           | 1956                        | 1974                                 | 1985                                 | 2016                                 |
| Fernanda  | 53           | 1967                        | 1986                                 | 1997                                 | ainda não atingiu                    |

De acordo com o quadro 1. o período de nascimento das entrevistadas é entre os anos de 1940 e 1960. Entre o fim da década de 1960 e meados da década de 1970 elas viveram o início da sua juventude. A vida adulta se concentrou por volta dos anos 1980 e o processo de envelhecimento chegou apenas no início deste século, nos anos 2000 a 2010. É possível destacar, portanto, que essas mulheres compartilharam uma série de momentos históricos para a vida moderna e, principalmente, para a constituição da vida política brasileira. Exceto no caso de Fernanda, que é um pouco mais nova mas, que ainda assim, em períodos diferentes da vida, vivenciou os mesmos acontecimentos históricos e contextos sociais.

Para visualizar melhor esses marcos históricos e contextos sócio-culturais compartilhados pelas interlocutoras, pontuo no quadro a seguir quais são os momentos

mais marcantes que elas vivenciaram e em que momento da vida.

| <b>Quadro 2: Marcos históricos e contextos socioculturais compartilhado pelas interlocutoras.<sup>6</sup></b> |  |  |
|---|--|--|
| <b>Décadas</b>  | <b>Marcos históricos e contextos socioculturais</b>  | <b>Fases da vida das interlocutoras</b>                    |
| <b>1940</b>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Segunda Guerra Mundial, findada em 1945;</li> <li>✓ Fundação da Organização das Nações Unidas (ONU);</li> <li>✓ Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948);</li> <li>✓ Queda do Estado Novo, governado de Getúlio Vargas, e redemocratização do país;</li> <li>✓ Instituição do Salário Mínimo e Consolidação das Leis do Trabalho (CLT);</li> <li>✓ Criação da Conselho Nacional de Bispos do Brasil (CNBB)</li> </ul> | Infância de Raquel e Fátima                                |
| <b>1950</b>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil (1956 a 1960);</li> <li>✓ Fortalecimento da política econômica desenvolvimentista;</li> </ul>   | Infância de Lídia, Elena e Leonor.                         |
| <b>1960</b>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Fechamento dos canais democráticos no Brasil, Golpe Militar de 1964;</li> <li>✓ Crescimento dos movimentos sociais contrários a ditadura militar;</li> <li>✓ Comercialização da Pílula Anticoncepcional;</li> </ul>   | Infância de Fernanda;<br><br>Juventude de Raquel e Fátima; |
| <b>1970</b>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Criação do Movimento Negro Unificado (MNU);</li> </ul>  |  |

<sup>6</sup> Fontes de pesquisa: TATAGIBA, Luciana (2014); PEDRO, Joana Maria, 2003; SOARES, Iraneide da Silva, 2016; CARVALHO, 2006; OLIVEIRA, 2011, e DHnet – Rede Direitos Humanos e Cultura.

|             |   |  |
|-------------|---|--|
|             | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Fundação o Movimento Feminino pela Anistia;</li> <li>✓ I Encontro Nacional das Comunidades de Base, com o tema “Igreja que nasce do povo”;</li> <li>✓ O movimento negro elege a data da morte de Zumbi como Dia Nacional da Consciência Negra;</li> <li>✓ 1979 A UNE realiza sua primeira eleição direta, com 343 mil votantes.</li> </ul>   | <p>Juventude de Lídia, Elena e Leonor;</p> <p>Início da vida adulta de Fátima e Raquel</p> |
| <b>1980</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Movimento Diretas Já!;</li> <li>✓ Eleições diretas (governadores, senadores, deputados federais e estaduais);</li> <li>✓ Voto dos analfabetos, legalização dos partidos comunistas e eleições diretas em todos os níveis, liberdade para a criação de partidos e coligações.</li> <li>✓ Aprovação da Constituição Cidadã (1988).</li> </ul>  | <p>Juventude de Fernanda;</p> <p>Início da vida adulta de Lídia, Elena e Leonor;</p>       |
| <b>1990</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Estatuto da Criança e Adolescente – ECA;</li> <li>✓ Eleições gerais no Brasil: governos estaduais e Assembleias, Senado, Câmara de Deputados (1990);</li> <li>✓ Movimento Caras Pintadas (1992);</li> <li>✓ Impedimento do Presidente Fernando Collor (1992);</li> <li>✓ IV Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher, em Beijing (1995);</li> <li>✓ Fernando Henrique Cardoso é eleito e reeleito a presidência do Brasil (1994 a 2002);</li> <li>✓ Difusão da internet em todo território nacional;</li> </ul> | <p>Início da vida adulta de Fernanda;</p>  |
| <b>2000</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ 2002 Lula é eleito presidente da República no segundo turno, vencendo José Serra, do PSDB</li> <li>✓ Promulgada, no Brasil, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher,</li> </ul>   | <p>A chegada a velhice de Fátima e Raquel</p>  |

|             |   |   |
|-------------|---|---|
|             | pelo Decreto nº 4.377, de 13/9/2002   |   |
|             | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Criação da Lei Maria da Penha</li> </ul>   |   |
| <b>2010</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Manifestações de Junho de 2013;</li> <li>✓ Sancionadas as leis nº 12.711/2012 e Lei 12.711 define cotas sociais e raciais nas instituições federais;</li> <li>✓ Manifestações de Maio de 2015, contra o governo Dilma;</li> <li>✓ Golpe parlamentar e impedimento da Presidenta Dilma (2016);</li> <li>✓ Ascensão reacionária no cenário político, eleição de Jair Bolssonaro (2018);</li> </ul> | A chegada a velhice de Lúcia, Elena e Leonor; |

O quadro 2 indica que em momentos decisivos da história política brasileira as entrevistadas viveram períodos importantes do seu processo de amadurecimento e não só os vivenciaram como construíram boa parte desses movimentos, principalmente no que se refere ao processo de redemocratização do Brasil, nos anos de 1980 a 1990, e de solidificação dos movimentos sociais.

Como perceberemos nas análises dos relatos de experiência, a questão feminina não se mostrava como um movimento central na política Brasileira, a organização de mulheres estava difusa entre os movimentos de trabalhadores, organizações partidárias ou religiosas. O que significa que os processos de redemocratização foram vivenciados pelas entrevistadas em dois momentos distintos. O primeiro após a queda do Estado Novo, seguido do fim da ditadura militar, direcionando a organização das mais diversas correntes políticas no nosso país, isto é, a luta por direitos, ao trabalho, educação, saúde, liberdade e o combate as desigualdades são pautas muito presentes na vida política e social dessa geração de pessoas nascidas entre os anos 1940 e 1960.

Diante desse contexto é possível afirmar que a posição geracional em que se localizam as participantes do estudo proporciona possibilidades de construção de trajetórias ativas politicamente, ou que pelo menos, possuam atitudes e modos de agir e pensar progressistas, no sentido de buscar novos espaços de atuação. Realidade que para as gerações anteriores de mulheres era de menor acesso ou inacessível.

Porém, dizer que o contexto político atravessado pelas interlocutoras pode dar a elas valores mais progressistas, não significa que todas compartilhem do mesmo posicionamento político, muito pelo contrário, será possível perceber que muitas delas aderem a posições muito diferentes com relação a política nacional, no entanto, existem discursos que se encontram, independentemente se elas são mais progressistas ou conservadoras, como é o caso da valorização do papel da mulher no mercado de trabalho e na sua liberdade de escolha. Mas, friso que esse discurso é mobilizado com justificativas diferentes, ele está presente na fala de todas as entrevistadas, o que a meu ver, é resultado do movimento de democratização de direitos vivenciados por elas nesse período histórico.

Em âmbito geral, situar trajetórias que, embora compartilhem uma mesma posição geracional apresentam perfis tão distintos, possibilita demonstrar que ainda que haja diferentes perspectivas da vida em sociedade para cada uma delas, ainda há conexões e determinações estruturais da geração a que pertencem que as colocam em posições semelhantes. E por mais que a maneira que desenvolvem significados para o mundo seja distinta, há condicionantes que potencializaram a possibilidade de viverem nas posições de destaque que vivem.

Esse posicionamento teórico de análise proporciona para este estudo um dimensionamento do conceito de geração representado pelas trajetórias que foram relatadas por essas mulheres.

## **2.2 Relatos de experiências de mulheres que envelhecem em movimento.**

As seis interlocutoras deste estudo me proporcionaram dimensionar as suas percepções sobre a atuação da vida pública durante o processo do envelhecimento de maneira articulada com os conceitos de gênero e geração ao demonstrarem em seus relatos de experiências que ser mulher pode influenciar na maneira com que elas se constroem como agentes sociais e o seu envelhecimento sofre as consequências da sua condição de mulher em sociedade.

Envelhecer em movimento se mostra como uma tarefa árdua até mesmo para elas que mantém uma trajetória de vida ativa, porém, primordial para quem construiu toda uma trajetória de vida pautada por valores e posições políticas tão bem esclarecidas.

No que se refere ao sentido do envelhecimento é possível perceber que todas as mulheres entrevistadas buscaram atenuar o sentir-se velha ou demonstrar como elas conseguem prolongar uma vida ativa quando se movimentam, quando permanecem ‘vivendo a vida’, cultivam o ‘estar na vida’, indicando sempre movimento, negando a condição de pessoa idosa reclusa, que se abstém da vida em sociedade.

Para não se sentir velha você não pode parar, você tem que estar sempre querendo fazer isso ou aquilo. Eu não digo assim fisicamente, mas mentalmente eu não sou velha não, eu me vejo como uma jovem capaz de fazer tudo o que eu já fiz.

(Fátima, 74 anos, Maringá - PR, 17/04/2019)

O maior amparo para justificar esses movimentos em suas vidas é a alegação de que a mente ainda é agitada, o que não corresponde com a condição física de um corpo envelhecido, mas tal como uma mente jovem, elas se consideram capazes de elaborar ações e intervenções na vida pública e, talvez, de maneira até mais perspicaz dado ao acúmulo de experiências. Porém, para que essa saúde mental seja mantida é preciso obter uma atitude positiva e incisiva perante ao comando de sua própria vida.

O movimentar-se é constituído por uma luta constante entre as falências do corpo e as insubordinações de uma mente que se considera “jovem”, vivaz. Este estudo nos mostra como se constrói a possibilidade de viver o processo do envelhecimento de modo ativo, mas distante das ilusões de pensar o “estar na vida”, como denominou a minha interlocutora Elena, como um prolongamento da juventude ou de uma vida social ancorada na cadeia produtiva do mercado de trabalho.

Eu me dedico ao ativismo o dia inteiro, se eu não tiver o ativismo eu vou fazer o quê? Sabe? Pra mim é uma coisa que enriquece, que me faz estar sempre na vida, na vida, estar no ativismo é estar aqui conversando com você, sabe? Estar conversando com você é estar todos os dias em atividade, é estar todo dia viva acompanhando as coisas e analisando e ponderando e pensando, sabe? É estar vivendo, porque eu acho que o ativismo traz isso, ele traz um cansaço danado, ele traz muitos momentos em que a gente quer desistir [...]

(Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019)

“Estar na vida” é viver se movimentando, elaborando discursos sobre si e sobre o mundo, colaborando para a construção de espaços sociais, viabilizando maneiras de sobrevivência e vivência social dignas a todas as idades e, sobretudo, construindo um referencial do que é envelhecer.

Como bem pontuou outra interlocutora deste estudo, Lídia, “nós somos na realidade um resultado de várias experiências que te transformam na pessoa que você é, a vida que você leva, aquilo que você faz”, o que significa que construir valores que orientam sua trajetória de vida e produzem significados é imprescindível para a manutenção de uma vida pública das mulheres idosas que fazem parte deste estudo. E tudo isso só é possível por haver uma coleção de experiências que proporcionaram esse destino, que é comum a todas as interlocutoras deste estudo: o de manter-se ativa social e politicamente durante o processo do envelhecimento.

As seis entrevistas realizadas demonstram que o bom e velho encontro pessoal e as entrevistas semiestruturadas são o método mais eficiente de coleta de dados, principalmente quando se trata de um grupo geracional que tanto valoriza as conversas cotidianas. Ao resgatar a trajetória dessas mulheres, verificar a importância por elas atribuída aos problemas de gênero e como se percebem em uma fase da vida que é considerada como a última do ciclo de vida, a velhice, foi possível dimensionar que envelhecer só se torna uma questão, pois, a elas é imposto uma maneira de ser e agir típica dos envelhecidos, em que a passividade e a imobilidade se tornam atitudes esperadas para a vida em sociedade, pelo menos é o que consensualmente se espera. No entanto, por mais que o corpo envelhecido apresente desafios, a vivacidade de suas mentes e os anseios políticos e sociais, tão presentes durante todo o curso de suas vidas, não permitem que seja esse o comportamento aderido por elas.

O contexto que tornou possível a vida pública ativa para essas mulheres ao envelhecer, fundamenta-se no período histórico compartilhado por elas, que possibilitou profissionalização, acesso ao conhecimento científico e técnico, a participação em cargos de trabalho de destaque, condições que resultam do processo de democratização de direitos, protagonizado por essas mulheres. Este estudo indica que o conceito de geração é um posicionamento teórico de análise que proporciona o dimensionamento de

como trajetórias de vida podem informar sobre os valores e possibilidades cultivados por toda uma geração e como isso impacta vivências cotidianas.

O caminhar que as interlocutoras deste estudo desenharam em seus relatos de vida é de um percurso de elaboração de si e de busca de um posicionamento no mundo. Diante disso, o envelhecer em movimento é uma realidade para muitas mulheres na atualidade, principalmente para a geração atual de mulheres idosas pois, elas fazem parte de um processo histórico que possibilita essa reflexão sobre os lugares que mulheres ocupam em sociedade e paralelamente colaboram para a ressignificação das maneiras como se vislumbra a vivência social da velhice.

### **Referências Bibliográficas**

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006:

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 52, 2006.

DEBERT, Guita. Grin. **Gênero e Envelhecimento**, Revista Estudos Feministas, N 1, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice**. IN: DEBERT, Guita. Grin. (org.) Antropologia e Velhice. Campinas: Textos Didáticos do IFCH/UNICAMP, no 13, p. p. 7-27, 1998.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1994.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-Brasildade: história e memória**. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. In: Mulheres no Mundo –Etnia, Marginalidade e Diáspora, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005

GONÇALVES, Marlene. Resenha: **“A reinvenção da velhice: socialização e**

**reprivatização do envelhecimento”**. Pro-Posições- vol.13,N.2 (38)- maio/ago, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós –modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.-Rio de janeiro: DP&A, 2006.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites**. Cadernos Pagu (3) 1994.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações** in: Marialice M. Foracchi, Karl Mannheim: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. **O Problema da juventude na sociedade moderna**. In: **Diagnóstico de Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MOTTA, Alda de Britto. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. Soc. estado. vol.25 no.2 Brasília May/Aug. 2010.

OLIVEIRA, Maria Coleta; VIEIRA, Joice Melo; MARCONDES, Glaucia dos Santos. **Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências** in: ARRECTH, Marta. (org). Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos 50 anos. 1º edição, São Paulo, editora UNESP, CEM 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma Categoria Útil para a Análise Histórica”**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul-dez.,1990.

SIMMEL, Georg. **“O âmbito da sociologia.”** In: Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **“O nível social e nível individual”**. In: Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio. (org) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Jorge Zaar Editora, 1979.

WELLER, Wivian. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. Revista Sociedade e Estado – Vol.25, nº2, 2010.